



**Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**  
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

**Vol. 16, número 2, jul-dez, 2023, pág. 1150-1178**

**Pesquisa-intervenção com jovens no contexto escolar:  
militância pra quê?**

**Research-intervention with young people in the school context:  
militancy for what?**

**Tadeu Lucas de Lavor Filho  
Millena Raianny Xavier da Silva  
Lorrana Caliope Castelo Branco Mourão**

### **Resumo**

As práticas de militância possuem ao longo do século XX até a contemporaneidade várias modificações e direcionamentos distintos, aponta-se que objetivo dos militantes, estes que foram e são em grande parte jovens estudantes, têm-se globalizado em torno de causas comuns e lutas regionalizadas, isto é, os jovens militam por todos e por ele mesmo, pelo mundo e pela cidade que habita. A pesquisa desenvolvida é de abordagem qualitativa. O dispositivo teórico-metodológico proposto consistiu no desenvolvimento de uma Pesquisa-Intervenção (PI) na cidade de Juazeiro do Norte-CE. A pesquisa contou com a participação de estudantes do ensino médio no desenvolvimento de oficinas temáticas que abarcaram rodas de conversa com base na articulação dos descritores disparadores: militância – escola. Por meio das oficinas, os analisadores que se apresentaram como campo de análise institucional foram militância/convivência-democracia. Portanto, percebe-se uma grande transversalidade de coletividade a partir das individualidades postas em análise e com isso, a PI pôde evocar no exercício das oficinas um espaço de produção do conhecimento da realidade institucional e provocar questões que suscitaram ao longo da pesquisa o lugar da militância para cada estudante em sua singularidade dentro e fora do contexto escolar.

**Palavras-chave:** Pesquisa-Intervenção. Militância. Escola. Subjetividade.

### **Abstract**

The practices of militancy have, throughout the 20th century and up to the present time, undergone several modifications and distinct



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

directions. It is pointed out that the objective of the militants, who were and are mostly young students, have been globalized around common causes and regionalized struggles, that is, young people militate for everyone and for themselves, for the world and for the city they live in. The research developed is qualitative in approach. The theoretical and methodological device proposed consisted of the development of a Research Intervention (RIs) in the city of Juazeiro do Norte-CE. The research included the participation of high school students in the development of thematic workshops that included conversation wheels based on the articulation of the trigger descriptors: militancy - school. Through the workshops, the analyzers that presented themselves as a field of institutional analysis were militancy/ coexistence-democracy. Therefore, a great transversality of collectivity is perceived from the individualities put under analysis and thus, the PI could evoke in the exercise of the workshops a space of production of knowledge of the institutional reality and provoke questions that raised throughout the research the place of militancy for each student in their uniqueness inside and outside the school context.

**Keywords:** Research-intervention. Militancy. School. Subjectivity.

O presente artigo objetivou investigar como os jovens produzem militância estudantil no contexto escolar, e como a produção de discursos militantes são subjetivadores políticos dos estudantes. O presente trabalho é fruto de uma pesquisa-Intervenção realizada em uma escola situada na cidade de Juazeiro do Norte – CE. A pesquisa contou com a participação de estudantes do ensino médio no desenvolvimento de oficinas temáticas que abarcaram rodas de conversa com base na articulação dos descritores disparadores: militância – escola. Participaram 29 estudantes com faixa etária de 16 a 18 anos de idade do 2º ano do ensino médio.

As considerações a seguir centralizam a militância com base nas discussões teóricas que contornam uma prática potencial de subjetivação dos jovens no contexto escolar. As produções de militância no contexto escolar produzem discursos de verdades e modos de subjetivação dos jovens que habitam a escola. Por isso, alguns autores afirmam que conhecer o novo nesse contexto é



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

implicar-se na desnaturalização da norma e de verdades rígidas (Gallo, 2004; Veiga-Neto, 2012).

Nesse sentido, utiliza-se da análise feita por Michel Foucault ao longo de seus escritos sobre militância como um modo de vida peculiar e revolucionária nas práticas de dizer a verdade. O autor buscou na filosofia dos Cínicos um atravessamento das atividades revolucionárias ditas do militantismo como atividades já articuladas desde a antiguidade, mas que só ganharam destaque na modernidade em detrimento da revolução industrial e das práticas de governo de assujeitamento dos indivíduos (Foucault, 2011).

As práticas de militância possuem ao longo do século XX até a contemporaneidade várias modificações e direcionamentos distintos, aponta-se que o objetivo dos militantes, estes que foram e são em grande parte jovens estudantes, têm-se globalizado em torno de causas comuns e lutas regionalizadas, isto é, os jovens militam por todos e por ele mesmo, pelo mundo e pela cidade que habita. Por isso, encontram-se nos movimentos estudantis, movimentos sociais, instituições e nos sujeitos paradigmas de estratégia, enfrentamento, luta e manutenção dos modos de vida na sociedade contemporânea (Gohn, 1997; Mesquita, 2003).

### **Considerações sobre a militância por uma perspectiva histórica e epistemológica**

Partindo de uma visão pós-estruturalista, especialmente das contribuições de Foucault, aponta-se como os pioneiros nas investigações da modernidade sobre os movimentos sociais atuais, estes como as lutas de gênero, etnia, pela paz, etc. Assim, os novos olhares teóricos e as análises empíricas da realidade produziram subsídios de novos estudos sobre os movimentos sociais em seu caráter coletivo e individual, logo, suscitaram questionamentos e pesquisas sobre o campo da política e da ética dos NMS (Gohn, 1997).



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

As discussões de investigação propriamente sobre a militância são completamente distintas ao ser analisada por uma leitura marxista ou pós-estruturalista. As contribuições do teórico Michel Foucault são pertinentes ao discutir o exercício da militância pelas relações de saber-poder na modernidade, por outro lado, historicamente as teorias marxistas mantiveram força de discussão acerca do tema, porém, ainda por volta do final século XIX foi se utilizando menos das provocações marxistas a fim de entender a relação do sujeito com seus exercícios de militância, pois esta foi criticada pelo excesso de verdade que implicava apenas na dimensão pragmática, ao invés de reflexões propriamente analíticas em torno das questões dos modos de subjetivação e militância (Hara, 2016).

Dessa maneira, nos contextos próprios da realidade do Brasil, a militância muito tem a se referir na história de luta e resistência popular, sobretudo é um termo que surge por volta da década de 60 atrelados a uma mobilidade social não inerte que se opuseram à opressão de regimes e incredibilidades políticas, para tal conceito, há uma grande implicação direta de uma análise sócio histórico e da subjetividade (Guareschi & Vinade, 2008).

Destarte, Castro (2008) relata que a perspectiva do jovem na atualidade sobre militância muito tem se relacionada com um exercício de participação política na sociedade que percorre uma construção histórica e social, que não foi forjada pelo nada, mas pelo sentimento de pertencimento com o território vivido através de combates e lutas sociais, tais como reforma política, regimes ditatoriais, implementação de políticas públicas, dentre outras.

### **Notas sobre a militância por um viés foucaultiano**

Referindo-se a essa perspectiva elencada, os textos produzidos por Foucault entre 1970 e 1984, suscitam as produções teóricas pela via da ética e da política, ao passo que foi nomeado na literatura, o



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

conjunto de obras produzidas que circunscrevem o Terceiro Foucault, sendo o primeiro correspondente ao desenvolvimento da arqueologia do saber e o segundo destinado a genealogia do poder. Porém, a divisão temática das obras foucaultianas não retira, sob essa visão, a sua relação legítima do pensamento na tríplice do saber-poder-ética (Soalheiro, 2003).

Atrelado a essa compreensão analítica do desenvolvimento do pensamento foucaultiano, percebe-se que o Terceiro Foucault não ignora ou reinventa uma investigação sobre o saber-poder, mas encontra em outra estratégia de análise – a ética, um conjunto de práticas que denunciam o assujeitamento das formas de subjetivação, sendo as reflexões sobre a liberdade, a resistência, a militância e a política (Castelo Branco, 2000).

Para Foucault (2011) o termo militância é forjado por uma vida, exercícios individuais e coletivos, dispositivos de poder, lutas e resistências que colocam em questão os outros e a si mesmo, como afirma em dizer que “é, portanto, uma militância que pretende mudar o mundo, muito mais que uma militância que buscaria simplesmente fornecer a seus adeptos os meios de alcançar uma vida feliz”, produzindo subjetividades (Foucault, 2011, p. 251).

De forma objetiva, Foucault em seus escritos de 1970 a 1984 se propôs a discutir uma militância política, na qual a vida, as relações interpessoais e o cotidiano estavam articulados com a preocupação de repensar como as práticas militantes atuais estavam sendo produzidas, isto é, colocando em pauta a produção de verdades, na qual percebemos que numa dimensão do poder e da ética são completamente distintas, mas necessárias para contextualizar a temática explorada (Hara, 2016).

Algumas práticas coletivas são elencadas por Foucault como movimentos que no histórico da humanidade se propuseram a militar



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

por uma dimensão subjetiva, como também pelas relações sociais e por um projeto ético, tais como movimentos do feminismo, LGBT, hippie, Luta Antimanicomial, dentre outros. Assim, ele entende que tais processos de lutas foram produzidos e emergem, por uma análise de poder, por um rompimento de opressão totalitária da subjetividade e a asseveração da singularidade (Hara, 2016).

Partindo dessa direção, a construção de uma analítica do poder fez com que Foucault, ao longo de sua produção literária, questionasse as práticas de submissão da vida e a construção de um tecido social postulado de mecanismos de dominação do sujeito, produzindo subjetivações, e por isso é tão necessário que o agenciamento de saber-poder seja compreendido para que a dimensão da ética possa juntamente analisar as tensões de dominação e assujeitamento dos indivíduos (Castelo Branco, 2000).

Foucault em *Microfísica do Poder* trouxe a discussão sobre saber e poder, definindo-os a partir do lugar que ambos ocupam nos sujeitos e nas instituições, ou seja, nas malhas sociais. O poder é dirigido ao indivíduo, aos grupos, a sociedade, não deve ser confundido com algo concreto e nem objetivo, o poder está no corpo, está nos discursos e no não dito, constituindo em uma tensão que forja subjetividades. O Saber assume então um conceito relacional ao poder de não estagnado, mas de mudanças, um saber atrelado além da racionalização, mas que permite que a modulação entre os dois produzam verdades e alicerces de dominação e resistência às forças de controle sobre o sujeito (Foucault, 1979).

Quando esse mesmo poder possui a característica de violar ou oprimir a produção de discursos, principalmente quando se trata de uma produção de verdade, isto é, a relação do discurso e da verdade se entrelaça. Há nesse aspecto uma relação pela qual define o lugar do intelectual na modernidade. Um papel figurado no filósofo cínico que



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

não temem de dizer livremente a verdade, e por isso, o intelectual encontra-se nesse devir de dizer a verdade em luta aos regimes de submissão, que segundo Foucault, entra em jogo com um poder que tende a coibir e anular o saber do intelectual, prevalecendo a repreensão da luta de resistência (Foucault, 1979).

### **Discutindo militância e o contexto escolar**

Corroborando com essa compreensão epistemológica sobre a escola, cabe apontar o lugar do estudante nesse território e seus possíveis agenciamentos com a militância. Segundo Mesquita (2003) o movimento estudantil representa uma pluralidade de expressões juvenis, isto é, movimento que se replica nas lutas, nas causas, nos interesses, nos desejos e nos ideários. Essa expressão estudantil se potencializa no cotidiano e nas múltiplas faces da sociedade. Assim, a militância estudantil se implica em várias dimensões da vida, das relações interpessoais e de uma intersubjetividade.

As expressões estudantis em torno da militância muitas vezes são consideradas marginalizadas, tendo em vista os processos de institucionalização das entidades clássicas representativas que inviabilizam novas tendências e modos de articulação dos estudantes. Isto se dá pelo fato de que há cristalizações e questões políticas partidárias que reafirmam estratégias privadas dentro das lutas estudantis (Mesquita, 2003).

Se por um lado a escola é um lugar de habitação, disciplinamento, lutas e revolução como preconiza Foucault (2008; 2011). Por outro, a escola deve assumir este lugar de práticas militantes que perpassa todo o espaço escolar, inclusive o espaço de sala de aula (Gallo, 2002, p.171). O autor ainda reafirma que a escola enquanto lugar de habitação de um coletivo, consequentemente a prática militante se faz em torno desse coletivo (Gallo, 2002). Com isso,



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

a discussão da escola em torno da militância, para o autor, em uma perspectiva de uma educação mais crítica e ética da subjetividade.

Se os jovens estudantes são considerados a população militante que mais representa as atividades revolucionárias em prol de um bem comum, assim também essa participação política se expressa por causas coletivas que suscitam uma investigação de um território de disputa dos jovens. Com isso, a coletividade estudantil na esfera da escola ou em outras instituições representam laços de pertencimento a essas disputas que se dão por condições de vida, planos de governo, transformação social e dentre outras causas. Para a autora, o que se coloca em análise, e não deve ser perdido, é o agenciamento entre essas motivações revolucionárias que implicam os jovens produzindo demanda de subjetividade expressada na militância (Castro, 2008).

Pode-se concatenar essa discussão com as contribuições de Foucault (2011), pois, o mesmo relatou de que as práticas de militância representaram desde o final do século XIX formação de instituições secretas ou públicas com características revolucionárias, sendo essas o início das representações políticas de lutas.

Segundo Foucault (2011) a militância passa a ganhar mais espaço na esfera pública, isto é, agora prevalece a dimensão da revolução visível, seja em partidarismo político ou organizações de representações políticas, e aqui situamos a representação estudantil, como exemplo. Nesse processo, a prevalência de objetivos sociais e políticos se firmaram como motivações e fabricação de militância.

Neste sentido, o autor reafirma que a escola e toda sua lógica industrial alicerçada na produção e docilização de corpos para a produção não teve somente recursos da alfabetização como dispositivo de coerção para a fabricação de sujeitos. Por outro lado, foi preciso técnicas de disciplinamento, vigiamento e punição que fossem capazes de instrumentalizar a escola para o assujeitamento das identidades



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

singulares e corpos para o desenvolvimento social em curso (FOUCAULT, 1979).

Legitimando esse apontamento foucaultiano, a militância representa um modo de vida, ou seja, modo de vida que se entrelaça um exercício revolucionário de dizer a verdade, de lutar e de resistir. Logo, a resistência militante enquanto existência singular pode reafirmar uma experiência de vida, ao passo que produz subjetividade e produz sujeitos (Foucault, 2011).

### **Método**

#### **O dispositivo teórico-metodológico da pesquisa-intervenção**

A pesquisa desenvolvida é de abordagem qualitativa, entendendo que o objeto de estudo tem implicações na subjetividade e nos fenômenos individuais e sociais. O dispositivo teórico-metodológico proposto consistiu no desenvolvimento de uma Pesquisa-Intervenção (PI) com um grupo de jovens estudantes. A PI de influência da Análise Institucional Francesa legitima um lugar de investigação que envolve o sujeito e o coletivo enquanto produtores do conhecimento e agentes transformadores do espaço social, de tal forma que possibilita novas compreensões e análises de demandas existentes e emergentes (Rocha & Aguiar, 2007).

A PI permite que o pesquisador, o sujeito da pesquisa e o objeto de estudo sejam compreendidos de forma em que as condições da pesquisa sejam dinâmicas, fazendo com que os rumos da pesquisa se ampliem conforme as demandas que emergem das relações sociopolíticas como forças que perpassam a comunidade. Assim, a PI se adentra no grupo das pesquisas-participativas com movimento de crítica às velhas práticas das pesquisas de base positivistas (Rocha & Aguiar, 2003).

Conceitos chaves teóricos e metodológicos são articulados pela PI, sendo estes a produção de *analísadores*, da *restituição* e da *análise*



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

*de implicação*. São conceitos que surgem na PI assumindo um lugar de dispositivo de investigação dos fenômenos que emergem da pesquisa na qual produz indicadores de análise. Estes servem de suporte para analisar o entrelaçamento da produção de subjetividade e exercício compartilhado emergente entre analisador e analisados, ou seja, o campo institucional da pesquisa (Rocha & Aguiar, 2007).

Os *analísadores* permitem no campo institucional da pesquisa, isto é, o território da pesquisa, que os sujeitos e as demandas de investigação sejam atravessados pelos indicadores de análise do campo da pesquisa. Os analisadores são denunciadores e circunscrevem os apontamentos da pesquisa, de tal forma que explicita a realidade do campo institucional. Assim, estes podem ser do campo concreto, o local, a infraestrutura, o organograma, objetos etc., por outro lado podem estar no campo abstrato, a oralidade linguística, os costumes, a tradição, as relações interpessoais etc. (Rossi & Passos, 2014).

Esses analisadores permitem que a pesquisa possa ser dinâmica, e estes são dispositivos que colocam em questão a análise institucional dos sujeitos da pesquisa e da realidade social investigada, pois movem o cenário da pesquisa e orienta o pesquisador do que mais se apresenta e fala sobre o que se pode analisar (Rocha & Aguiar, 2007).

O processo da *restituição* assume um devir do qual cada sujeito da pesquisa é entrelaçado pelo processo de análise da realidade institucional. Neste processo, o exercício da pesquisa se concentra em promover uma análise coletiva com os dados da pesquisa, de modo que cada sujeito esteja implicado com o território e demanda investigada. A restituição passa a integrar o entrelaçamento da pesquisa-intervenção como um processo de formação no encontro do pesquisador e os sujeitos, com isso desmistificando a pretensa de que



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

o pesquisador tenha uma verdade analisada, ao contrário as análises são postas aos sujeitos e estes apontam suas conclusões (Rocha & Aguiar, 2007; Rossi & Passos, 2014).

Dessa forma, a PI se apresentou como estratégica para a presente investigação, além de propiciar um exercício micropolítico, este como um campo de problematização entre o “interesse, poder e desejo” (Rocha & Aguiar, 2007, p. 662) de implicação no território habitado. Assim, a proposta de investigação analítica se configurou como conexão para analisar o território habitado e os discursos e subjetividades produzidas pelos jovens ao tema da militância no contexto escolar.

### **Pesquisando militância na escola: os dispositivos da pesquisa no território escolar**

A pesquisa-intervenção (PI) desenvolvida foi composta pela realização de quatro (4) encontros cada uma com duração de 60 minutos, totalizando 04h (quatro horas). Logo, foram utilizados os seguintes dispositivos metodológicos; observação-participante, diário de bordo, e realização de oficinas temáticas com os jovens a partir das rodas de conversas, as quais mantiveram um diálogo sobre os temas da militância no contexto escolar. As oficinas aconteceram semanalmente durante as aulas de formação cidadã que acontecem uma vez por semana com duração de 60 minutos.

A PI foi realizada em uma escola pública de ensino médio localizada na cidade de Juazeiro do Norte-CE. O público alvo da pesquisa inicialmente seriam os estudantes matriculados nos 1º, 2º e 3º ano, porém as oficinas foram realizadas com alunos apenas do 2º ano. Os estudantes participantes da pesquisa foram voluntários e aderidos à pesquisa por iniciativa pessoal. Assim, o quantitativo de alunos desejável inicialmente foi de 10 a 15 alunos para as oficinas, porém a PI contou a participação da turma do 2º ano com 29 alunos



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

nas oficinas. A faixa etária desses alunos compreende entre 16 a 18 anos de idade. Para todo o percurso da pesquisa foi garantido o sigilo de identificação dos estudantes, assim como fora descrito na proposta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para conhecer o território da pesquisa foi adotada a observação-participante para mapear e conhecer os aspectos do cotidiano dos jovens, o contexto escolar e suas tramas. Logo, o mapeamento assume um lugar de dispositivo propício de registrar as criações e recriações da subjetividade e sua relação com o território. Assim, foi utilizado o dispositivo do diário de bordo, permitindo que os diálogos informais, as figuras, o cenário e o não dito sejam implicados a partir do pesquisador no contato com o território habitado e os sujeitos envolvidos (Rocha & Aguiar, 2007).

O desenvolvimento das oficinas aconteceu da seguinte proposta: Primeira oficina: apresentação da metodologia e dos objetivos da pesquisa, logo mais, foi realizada uma dinâmica de apresentação dos estudantes, depois, foi desenvolvida uma roda de conversa com o tema da militância estudantil, e temas secundários como juventude, política e representações estudantis. Após a roda de conversa foi proposto produções de cartazes sobre o que fora dialogado anteriormente. Foram produzidos 4 (quatro) cartazes.

Para a segunda oficina foi desenvolvido: Inicialmente, houve a exibição do Documentário intitulado “*A juventude brasileira, o 'novo coletivo', as transformações e tendências*”, a partir disso foi realizada uma roda de conversa com discussão pertinente ao conteúdo audiovisual, após foi solicitado que os estudantes produzissem um mural com produções de poemas, trechos, escritos que contemplassem o “ser jovem na militância” na atualidade e após isso, realizou-se uma exposição e diálogo simultaneamente sobre o material produzido.



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Na terceira oficina foi realizada uma roda de conversa para o mapeamento com os jovens acerca das atividades de militância produzidas pelos alunos na escola pesquisada, ambientes externos e atividades intrínsecas. Por fim, foi solicitada a produção de cartazes contemplando as expressões de como os jovens produziram essa militância mapeada anteriormente pelos mesmos.

Finalizando com o quarto encontro: Este contemplou o encerramento da habitação do território com a restituição. A restituição ocorreu com os estudantes que participaram das oficinas e com o grupo de professores da escola. Logo, a proposta desse encontro partiu de problematizar a implicação da pesquisa-intervenção com os estudantes acerca do conteúdo analisado, já com os professores se deu o processo de colocar em evidência o que os estudantes produziram de material durante toda a pesquisa.

### **Habitando a escola: que análises metodológicas são produzidas?**

A análise da pesquisa consistiu no dispositivo da Análise de Discursos (AD) na perspectiva foucaultiana. Após a realização das oficinas foram feitas as transcrições das gravações dos encontros com os estudantes. A AD partiu do embasamento teórico de Foucault nas obras de Arqueologia do Saber (1969) e Ordem dos Discursos (1971). Foucault (1971) trouxe à tona a discussão sobre as formas que os discursos se reproduzem nos indivíduos e nos coletivos colocando em xeque as múltiplas formas de vinculação do poder, sobretudo denunciando os discursos como territórios de análise, resistência e implicação com a subjetividade.

Por isso, pensar numa análise metodológica faz referência aos estudos sobre enunciados proposto por Foucault, os quais não são somente palavras e formações discursivas, mas entendendo que os enunciados podem ser discursos, palavras, imagens, objetos, coisas, paisagens, algo que diga sobre os indivíduos e que simbolizam uma



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

estrutura que implica na produção de dispositivos de verdade (Foucault, 1971).

Para Alves & Pizzi (2014) a AD enquanto dispositivo metodológico foucaultiano permite analisar a subjetividade forjada pela construção de discursos que são atravessados e produzem verdades com base na relação de saber-poder instituído no território escolar. Assim, tomando a escola como um lugar de produção de subjetividades e considerando a AD como um suporte político necessário e emergente para com as pesquisas nas escolas. Portanto, as transcrições foram analisadas quanto a produção de discursos que vislumbram o tema da militância estudantil e sua implicação com os jovens.

A pesquisa foi submetida e aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos com registro no CAAE: 79575417.3.0000.5048.

### **Resultados e discussões**

#### **O território habitado nos entrelaços da pesquisa: de qual escola falamos?**

A escola pensada a partir das contribuições teóricas de Michel Foucault têm sido repensadas com o desenvolvimento de seu pensamento sobre o sujeito que é produzido através das relações de poder. Assim, a escola veemente recai em uma visão de vigiamento de corpos dentro da visão foucaultiana, estes que não são apenas inertes, porém, produtivo dentro das relações sociais. Por isso, colocar a escola em um lugar de investigação a partir de suas tramas de vigiamento e disciplinamento, segundo uma análise foucaultiana, possibilita analisar a produção de sujeito que habita esse espaço (Borges, 2004).

Nesse sentido, Foucault (2008) discute que o espaço da escola fortemente é marcado pelo poder disciplinar de corpos, este que surgiu



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

com intensidade a partir de início do século XVIII, e não somente na escola, como também em outras instituições, exércitos e demais territórios que visavam certo tipo de controle e administração da população.

Este vigiamento de que falamos se configura como uma forma de adestramento de corpos. A escola enquanto espaço-edifício de vigiamento das condutas e das ações dos indivíduos teve grandes imperativos na formulação das escolas militares, de tal forma que foram pensadas para a destreza de imprescindíveis normas da moralidade e da normatividade de um padrão de sujeitos obedientes (Foucault, 1999).

Foucault afirma que “o poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’” (1999, p. 143). O autor se apropria dessa discussão em seu pensamento justamente para analisar a produção de sujeito no contexto escolar que impreterivelmente se configura numa lógica de exigências de corpos produtivos e eficientes para o mercado (Foucault, 1999).

Logo, partindo dos pressupostos teóricos sobre a escola por um olhar foucaultiano, indaga-se: De qual escola analisamos nessa pesquisa? Quais vigiamentos e disciplinamentos encontramos no território escolar investigado?

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola estadual de Ensino Médio regular (EEM), localizada na cidade de Juazeiro do Norte no estado do Ceará. Nesta escola é ofertada as três séries, 1º, 2º e 3º do EM nos turnos manhã, tarde e noite, e conta com a oferta de duas turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno da noite. A escola possui o horário de funcionamento das 07:00 horas da manhã às 22:00 horas da noite, impreterivelmente em dias comerciais, e



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

possui funcionamento nos sábados ao máximo de 1 sábado por mês – “*sábado letivo*”.

A escola conta com uma infraestrutura de 10 salas de aula, 1 sala de professores, 1 sala de secretaria escolar, 1 sala de diretoria, 1 sala de multimeios, 1 biblioteca, 1 laboratório de ciências e 1 laboratório de informática. Conta também com 1 cantina própria da escola que serve os lanches financiados pelo governo do Estado e atualmente possui uma construção da quadra esportiva que se encontra paralisada. Quando foi questionada a paralisação da obra nos foi dito que por uma falta de verbas licitatórias não foi possível dar continuidade, mas que há previsões para retorno da construção para o próximo ano de 2018.

A Pesquisa-Intervenção foi realizada na escola que consta numericamente com o quantitativo de 879 alunos matriculados, a saber, registrados nos turnos, manhã com 401 alunos, a tarde com 202 alunos e a noite com 276 alunos. Dentre a composição docente, a escola conta com um número de 44 docentes, sendo estes 32 com vínculo efetivo e 12 com vínculo temporário. Quanto ao núcleo gestor, composto por 5 integrantes, servidores da Secretária de Educação do Estado. Por fim, a composição de apoio administrativo, a escola é composta com 4 interpretes de Libras e com 6 servidores técnicos-administrativos.

Segundo Foucault (1999) a arquitetura presente nas acomodações do dispositivo escolar, e não somente na escola, mas em hospitais, empresas, prisões, etc., detêm de uma arquitetura propensa ao vigiamento dos sujeitos, “mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado” (1999, p. 144), logo, o disciplinamento não estaria designado apenas em quem vigia ou é vigiado, e sim em todos os indivíduos. A partir dessa reflexão teórica, podemos analisar essa discussão quando a funcionária administrativa diariamente, todos



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

os dias, no mesmo horário e perpendicular ao intervalo se senta no mesmo lugar central do pátio da escola e exclama: “*eu gosto de sentar aqui no canto, da pra ver todas as salas, por que se tiver aluno fora, né?*”.

Na instituição escolar é perceptível que a questão já discutida sobre saber-poder perpassa por um viés onde os corpos são subjugados pelas relações de poder. Assim, o espaço de ensino surgiu através da necessidade de enquadramento as normas sociais, como também foram adaptadas ao sistema de controle não somente destinado às condutas. Logo, observamos um discurso corroborado na fala de uma funcionária que se remete a essa pretensão de adaptação quando disse “*o aluno num trabalha, num faz nada, e ainda tira nota 5, a média! É fraca né?*” (Carmen, bibliotecária). Assim, foram criados parâmetros de ensino e avaliação, visto que tais proponentes colocam a escola em lugar de reprodução de verdades mantidas pelo dispositivo de poder (Nascimento et al., 2017).

### **Os analisadores da pesquisa-intervenção: o que encontramos e investigamos no território habitado?**

Retomando o conceito de analisadores descritos anteriormente, encontramos no desenvolvimento do território habitado os seguintes analisadores que denunciam o campo institucional escolar com os estudantes: *militância – convivência/igualdade*. Ao longo desse subtópico será abordado cada analisador distinto e suas faces de implicação com as oficinas desenvolvidas com os estudantes. Os analisadores são dispositivos de análise institucional do campo de intervenção e da realidade investigada. Nesse sentido, estes dimensionam a dinâmica da pesquisa e potencializam uma analítica importante dos sujeitos e do território (Rossi & Passos, 2014).

Logo, os analisadores destacados são frutos do processo da analítica da PI desenvolvida na escola com os estudantes acerca do



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

objeto de pesquisa, a militância. Estes foram denunciados a partir da realização das oficinas temáticas, as quais foram propostas pela pesquisa, porém, o conteúdo discursivo e não-discursivo que elencou os analisadores são produzidos pelo campo institucional e pela subjetividade de cada sujeito envolvido na temática. Após isso, trazemos em discussão como a análise de implicação operou e movimentou nossas análises na pesquisa.

### Militância

O enunciado na construção discursiva proposta por Foucault em Arqueologia do Saber exprime uma significação de jogos de linguagem que produzem práticas discursivas. Assim, estes que perduram no campo do dito e não-dito revelam as construções sociais dos saberes que reverberam sobre o sujeito que os estudar colocam em análise as formações de discursos estatutários, e estes que produzem os deslocamentos temporais de continuidade e descontinuidade na formação do sujeito (Foucault, 1969; 1971).

Nesse íterim, as seguintes reflexões redigidas com base no analisador “militância” colocam em evidência as formações discursivas sobre a temática por diversos sujeitos do contexto escola, e a partir, explicitam um contorno de produções discursivas que inscrevem essa militância no entendimento individual de cada sujeito.

Assim, segundo o dicionário da língua portuguesa, o termo militância significa “participação em movimento em defesa de uma causa ou de um interesse; atividade de militante” (Saraiva, p. 727, 2011). A partir disso, podemos analisar a definição colocada pelos alunos:

“O que você acha que é militância?” (Tadeu, pesquisador).

“**É você lutar pelo aquilo que você acredita**, levando uma bandeira em busca do conhecimento.” (José, aluno, grifos nossos).

“Que conhecimento?” (Tadeu, pesquisador).



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“a verdade, mas só vai em busca mesmo por que não tem. **Uma verdade sobre tudo**, pode ser no termo profissional, político, e interior mesmo.” (José, aluno, grifos nossos).

“Militar quer dizer polícia né? Militar? Polícia né?” (Antonia, aluna).

“É não, nada haver” (Lara, aluna).

“Bota assim, convivência com as pessoas. Convivência” (Cristina, aluna).

Partimos da análise de discurso foucaultiana para compreender a construção discursiva como produção de um saber, este pelo qual como o autor afirma que “a separação entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta” (Foucault, 1999, p. 14). O autor ainda defende que a “vontade de saber” (1999, p. 14) sobre um saber está no cerne da construção discursiva da história da linguística, porém, o anseio sobre o saber atravessa as questões de poder, e que por esse viés seja convincente investigar o exercício de poder (Foucault, 1999).

Com isso, quando os pesquisadores adentraram do ambiente escolar para propor a realização da pesquisa impreterivelmente o contato inicial foi com a diretora escolar da instituição. Quando fora explicado o objeto de pesquisa, recursos metodológicos e cronograma da pesquisa, a diretora Josefa respondeu: “*ahh! Essas coisas de liderança, né?*”

Quando retornamos ao conceito etiológico-linguístico pelo dicionário encontramos “liderança, capacidade ou qualidade de quem escolhe as ações de um grupo ou instituição” (Saraiva, 2011, p. 645). Assim, debruça-se certo tipo de conexão desse enunciado quando a Josefa ainda exclama sobre uma gincana que foi realizada na escola: “*foi muito lindo ver os alunos envolvidos fora de sala de aula, **todos juntos pelo mesmo motivo!***” (grifos nossos).

Por outro lado, quando solicitado na primeira oficina que os alunos produzissem cartazes sobre a definição e discursivamente como os jovens entendiam por militância. Logo, de forma unânime os



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

conteúdos dos cartazes abarcaram uma análise dos estudantes que revelou um tema que abrange:

Militância é **lutar** por nossos direitos e deveres / militância é **lutar** pelos direitos independente do que a sociedade vai pensar / **lutar** por seus direitos / é ter o **direito de ter** o que quiser / agir do jeito que acha que é certo independente do que a sociedade **julga certo ou errado / liberdade / liberdade de expressão** (grifos nossos).

Ainda sobre essa representação da militância para os estudantes, quando perguntado: “você se considera militante?” (Tadeu, pesquisador), os alunos respondem, “eu sim” (Ana), “sim” (Pedro), “eu não” (João). De forma numerosa, os alunos se intitularam militantes e poucas minorias de alunos negaram e outros se abstiveram de responder.

Segundo Castro (2008) as participações da juventude nos movimentos políticos tiveram grande pauta nas questões que emergiram de uma reivindicação dos planos de governo vigente foram em parte movidas pelo interesse de uma coletividade e de um sentimento com o país.

Em outros momentos da PI desenvolvida na escola alguns diálogos foram estabelecidos com demais funcionários da escola. Nesse percurso investigamos que a escola foi ocupada por um movimento de estudantes no ano de 2016. Segundo Macedo et al (2016) as ocupações tiveram movimento nas escolas no ano de 2015 e a região que predominou inicialmente foi a região do Sudeste na cidade de São Paulo, logo depois, as outras regiões passaram a ser território de escolas ocupadas.

Nos diálogos informais observamos como foi visto por alguns funcionários a questão da ocupação na escola:



## **Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“Foi ocupada, mas num durou nem dois meses. Quem manda na escola são os alunos né? Mas tinha que ocupar né? Todas as escolas foram ocupadas” (Gisele, Funcionária administrativa).

“eles ficavam correndo, foi um tempo, uns dias sem futuro, só teve prejuízo. Coisa sem futuro, e no fim não deu em nada” (Antonio, Porteiro).

As ocupações são entendidas como atividades coletivas em prol de questões comuns, de fato, sendo estas implicadas como as práticas mais adotadas pelos jovens nos dias atuais e no cenário da militância (Macedo et al, 2016). Assim, quando perguntado aos alunos sobre a questão da ocupação durante as oficinas afirmaram que não participaram e não tinham conteúdo e/ou relatos para falar desse episódio ocorrido na escola.

Foucault (1979) em os Intelectuais e o Poder propõe uma discussão sobre as formas pela qual os sujeitos investem em suas lutas contra o poder, justificando que não é somente pela via totalitária de uma teoria ou verdade, mas que nos descompassos das revoluções “o que dá generalidade à luta é o próprio sistema do poder, todas as suas formas de exercício e aplicação (1979, p. 46). Com isso, os enunciados vislumbrados nos discursos sobre a ocupação suscitam uma análise de produção de exercício de militância no contexto escolar.

### **Convivência/igualdade**

O termo igualdade condiz com um aspecto inerente às relações humanas onde se busca um igualitário das condutas sociais, de gênero, etnia e demais fatores que delimitam a convivência em uma esfera social. No entanto, a condição de igualdade se implica em uma tomada de desigualdade a partir das problemáticas elencadas que demarca, sobretudo, a pluralidade social construída e perpassa pela individualidade (Peirucci, 1999).



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O tema da diferença é importante ser discutido, pois, este se coloca como importante para problematizar o lugar da igualdade em uma sociedade diferente. Diferenças essas que socialmente produzida por traços coletivos distintos e que denotam elementos de inclusão e exclusão, como também mostra um cenário tênue de valores positivos e negativos atribuídos entre os sujeitos e forjando diferenças visíveis por vezes veladas (Peirucci, 1999).

Desse modo, o analisador referente a igualdade se apresentou durante as oficinas nas falas dos alunos. Dessa maneira, remetendo-se a agenciamentos de igualdade atrelados as causas da militância. Podemos conferir as falas escritas nos cartazes expostos no mural produzido pelos alunos e exibidos no pátio da escola:

“**Menos preconceito, mais respeito**” (José, aluno, grifos nossos).

“Menos injustiça! A beleza não mora nos padrões” (Alice, aluna).

“Suas **atitudes** é que formam você” (Rafael, aluno, grifos nossos).

“O cabelo crespo do 2º C tem coração, sabia? Meu cabelo não é ruim, ele nunca bateu em ninguém” (José, aluno).

“todos tem direito a integração, isso faz parte da militância” (Pedro, aluno).

“O **preconceito** não te leva a nada!” (Pedro, aluno, grifos nossos)

A tolerância no contexto escolar pode ser compreendida como um dispositivo que condiz com práticas de aceitação e respeito ao outro, visto que nesse processo é utilizada como mecanismo de administração do poder e das relações estabelecidas dentro da escola. Logo, utiliza-se de leis e outros fatores que façam regar as condutas na escola como uma produção de sujeitos a fim de prevenir a intolerância (Mourão, 2015). Observamos essa corroboração nas seguintes falas:

“**Respeitar e ser respeitado**” (Antonio, aluno, grifos nossos).

“**Igualdade** entre todos” (Maria, aluna, grifos nossos).

“Diga **não ao preconceito**” (Italo, aluno, grifos nossos).



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

“Acho que todo mundo aqui está em busca de uma igualdade no nosso Brasil” (Pedro, aluno).

Nesse sentido, temos a fala exposta em um dos cartazes: “**mais tolerância**, respeito, amor e igualdade” (Mariana, aluna, grifos nossos). Essa temática expressa nesta fala percorreu constantemente o diálogo estabelecido com os estudantes durante as oficinas, colocando sempre a militância como uma busca pela igualdade e pela convivência tolerante entre os indivíduos.

Nesse ínterim, os discursos denunciante dos estudantes fazem pensar numa questão importante sobre as questões da diferença, quando Peirucci (1999) afirma que “se a igualdade tem problemas, a diferença me parece que os tem muito mais” (1999, p. 106). Essa proposição para o autor se implica nas tomadas de representação de igualdade coletiva, desfalcando paralelamente às diferenças individuais numa cultura cada vez mais individualizante.

Segundo Peirucci (1999) as discussões sobre uma igualdade-diferença cresceram fortemente após o fortalecimento de um cenário de globalização que instaurou uma cultura de diferenças, e por isso se apropriando de novas ferramentas linguísticas, práticas, costumes, oralidades e dentre outras reivindicações, propuseram tendenciosamente colocar o lugar das diferenças em uma pretensa cada vez mais igualitária. Para o autor, entender as diferenças seria não desviar o olhar de que há diferença nas diferenças.

### **Análise de implicação: o quê nos objetivou?**

Em outro momento, no contato com a coordenação pedagógica em uma conversa sobre meu desenvolvimento da pesquisa e apresentação do cronograma fui surpreendido quando ouvi que “os alunos precisam de objetivo de vida, eles não tem objetivo, sabe né? Foi bom você vim, ajude eles a ter objetivo” (Anita, coordenadora pedagógica). Nas análises primárias como condiz com Lourau (2004),



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

esta se implica no meu contato enquanto pesquisador com o local, isto é, a instituição e os sujeitos. Assim, me indaguei: *“qual a relação do que ela me falou com a minha pesquisa? De qual objetivo de vida ela se referiu e a militância tem ligação? Este diálogo que não somente foi suscitador de questões me fez pensar qual papel eu tinha na escola”* (trecho do diário de bordo).

Desse modo, a análise de implicação de acordo com as análises secundárias como propõe Lourau (2004), entende que as implicações históricas e epistemológicas são importantes, pois estas produzem emaranhados de saberes e replicam na condução do ato de pesquisar. Assim, foi nesse aspecto que o lugar de pesquisador se evidenciou quando os alunos diversas vezes pediram para que a definição de militância fosse apresentada: *“por que você não explica o que é militância?”* (José, aluno); *“é! Explica o que é”* (Melissa, aluna).

Nesse sentido da implicação secundária e na perspectiva de que o saber detém uma posição de poder dentro e fora da pesquisa, reflito:

*“qual lugar de detentor de saber eu tenho para falar sobre militância para eles? Ainda que não foi dada resposta pronta, suscitou-me qual devia ser dada. No entanto, me recordei as proposições básicas da PI: não dá respostas prontas. Porém, sei que veemente o desenvolvimento da pesquisa-intervenção foi motivada para isso: que os alunos digam o que é militância, eles mesmos digam”* (trecho do diário de bordo).

Essa mesma questão se apresentou outras vezes, sobretudo na restituição quando um aluno me indaga: *“o que fazemos para ter mais ‘vez e voz’ na escola depois disso que vimos na pesquisa?”* (Yan, aluno). O processo da restituição e da análise de implicação permite atravessar o lugar do pesquisador de pretensão saber sobre o campo institucional (PASSOS, ROSSI, 2014). Com isso, *“não é dar respostas prontas nem soluções, mas jogar para os sujeitos o que é deles a*



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

*responsabilidade de se questionar e problematizar, e por que não buscar suas próprias soluções”* (trechos do diário de bordo).

Emendando com esse saber sobre o agenciamento dos afetos que atravessam o pesquisador no campo da pesquisa, e por isso, esse tema pesquisado foi importante ao longo do desenvolvimento da PI e desse escrito como um fator que toca à necessidade de explorar os estudos sobre o campo da juventude. E por isso, ao longo da PI a questão de se auto questionar o “porquê” dessa pesquisa perpassou a esfera das motivações do ato de pesquisar.

Destarte, retirando um agenciamento desse processo de pesquisar como um ato de análise de implicação, vulgo trocadilho com a inquietação no encontro a diretora “*percebi um semblante de preocupação e indagação sobre as atividades da pesquisa quando foi divulgado que o tema da pesquisa é militância*” (trecho do diário de bordo). Logo, no desenrolo da pesquisa e no encontro com as notícias me parece que as ocupações explicitadas nesse escrito significaram algum aspecto de relevância para a escola. Segundo Rossi & Passos (2014) a análise de implicação teve como engrenagem os estudos psicanalíticos sobre a questão da transferência como mecanismo pelo o qual atrelada ao campo da pesquisa movimenta o pesquisador, aquele que realiza a análise, sob uma dimensão subjetiva de relações sintomáticas que desde a observação do campo institucional até o contato com os sujeitos possibilita emergir implicações importantes para a condução da pesquisa.

### **Considerações finais**

As questões discutidas neste manuscrito produzem leituras dos processos de subjetivação a partir das análises teórico-metodológicas investigadas no percurso da Pesquisa-Intervenção com o tema da militância no contexto escolar. Assim, não apontamos conclusões nem precipitações acerca do material analisado, ao invés de que



## Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

entendemos a dinâmica da pesquisa como uma investigação do presente ao passo que as relações e os discursos como vimos ao longo do texto é atravessado pela singularidade de cada sujeito. O tema da militância apareceu em diversas esferas e foram postos como analisadores da PI. Estes suscitam a questionar e refletir o lugar que a militância é produzida discursivamente pelos jovens e para os jovens no contexto escolar e fora deste. De modo que expressam os discursos enquanto produtos de formações históricas, nos quais apontam para um modo de subjetivação de cada estudante.

Dessa forma, os analisadores investigados e que foram responsáveis pelo movimento da pesquisa nos redireciona a pensar na construção de enunciados no presente momento. Por meio das oficinas, os analisadores que se apresentaram como campo de análise institucional foram *militância/convivência-democracia*. Por isso, entendemos estes como produções discursivas que os jovens discutiram e fabricaram saberes sobre a definição e a significação da militância para a realidade social, institucional e subjetiva.

Portanto, percebe-se uma grande transversalidade de coletividade a partir das individualidades postas em análise, de forma que aliadas às articulações teóricas propuseram apontamentos para uma discussão sobre as fabricações discursivas de militância a partir da singularidade denunciada por cada estudante ao longo da PI. Desse modo, essas singularidades evidenciam os modos de subjetivação que são efeitos dessas construções sociais e das relações de saber-poder produzidas no campo institucional por esses jovens desta escola. Por outro lado, a PI pôde evocar no exercício das oficinas um espaço de produção do conhecimento da realidade institucional e provocar questões que suscitaram ao longo da pesquisa o lugar da militância para de cada estudante em sua singularidade dentro e fora do contexto escolar, pois, a militância como analisada ultrapassou a representação



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

dos muros da escola e alcançado outras esferas da vida e das relações sociais.

**Referências**

- Alves, J. M. D.; Pizzi, L. C. V. (2014). Análise do discurso em Foucault e o papel dos enunciados: pesquisar subjetividades nas escolas. *Revista Temas em Educação*, 23(1), 81-94.
- Borges, J. L. (2004). Escola e disciplina: uma abordagem foucaultiana. *Revista Urutáguá-UEM*, (5).
- Castelo Branco, G. (2000). Considerações sobre ética e política. In: *Retratos de Foucault*. Porto Carrero, V., & Castelo Branco, G. (Ed.), p. 310-327, Rio de Janeiro: NAU.
- Castelo Branco, G. (2001). The resistance to power in Michel Foucault. *Trans/form/ação*, 24(1), 237-248.
- Castro, L.R. (2008). Participação política e juventude: do mal-estar a responsabilização frente ao destino comum, *Revista Sociol. Polít.*, 16(30), 253-268.
- Foucault, Michel. (2007). *A arqueologia do saber (1969)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, Michel. (1971). *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola.
- Foucault, Michel. (2008). *Segurança, território e população*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Foucault, Michel. (1979). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.
- Foucault, Michel. (2011). *A coragem da Verdade: o governo de si e dos outros II (1983-1984)*. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes.
- Foucault, Michel. (2011). *A coragem da verdade: O governo de si e dos outros II (1983-1984)*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Foucault, Michel. (1999). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

- Gallo, Sílvio. (2002). Em torno de uma educação menor. *Educação & Realidade*, 27(2), 169-178.
- Gallo, Sílvio. (2004). Repensar a educação: Foucault. *Educação & Realidade*, 29(1).
- Gohn, M. G. (1997). *Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. Ed. 1. São Paulo-SP: Edições Loyola.
- Guareschi, P.A.; Vinade, T.F. (2007). Possibilidades militantes na liquidez contemporânea. *Rev. Psicol. Polít.*, 7(14).
- Hara, Tony. (2016). Michel Foucault: a militância como exercício ético. *Revista Eopolítica*, 15, 122-129.
- Mesquita, M. R. (2003). Movimento estudantil brasileiro: práticas militantes na ótica dos novos movimentos sociais. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, 117-149.
- Nascimento, M. T.; Macêdo, M. A.; Ferreira, I. C. (2017). O papel dos espaços de ensino frente a demandas sociais emergentes: contribuições de Michel Foucault e da teoria crítica. In: *Epistemologias em confronto no direito: reinvenções, ressignificações e representações a partir da interdisciplinaridade*. Melo, M. A. S.; Gomes Filho, A. S.; Queiroz, Z. F. (Ed.). Curitiba: Editora CRV.
- Paulon, S. M. (2005). A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. *Psicologia & Sociedade*, 17(3), 18-25.
- Pierucci, A. F. (1999). *Ciladas da diferença*. São Paulo: USP.
- Rocha, M.L.; Aguiar, K.F. (2007). Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. *Revista Psicologia, Ciência e Profissão*, 27(4), 648-663.
- Rocha, M. L. da, & Aguiar, K. F. de. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(4), 64-73. <https://doi.org/10.1590/s1414-98932003000400010>
- Rossi, André; Passos, Eduardo. (2014). Análise institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil. *Revista EPOS*, 5(1), 156-181.
- Saraiva. (2011). *Saraiva Jovem: Dicionário da língua portuguesa ilustrado/organização da Editora*. São Paulo: Saraiva.



**Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq**

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Soalheiro, Nina Isabel. (2003). *Da experiência subjetiva à prática política: a visão do usuário sobre si, sua condição, seus direitos.* 2003. Tese de Doutorado. Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro-RJ.

Veiga-Neto, Alfredo. (2012). É preciso ir aos porões. *Revista Brasileira de Educação*, 17(50), 267-282.

**Recebido: 05-2023**

**Aceito: 20-06-2023**

**Publicado: 01-07-2023**

**Autores**

**Tadeu Lucas de Lavor Filho**

E-mail: [tadeulucaslf@gmail.com](mailto:tadeulucaslf@gmail.com). Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Universidade Estadual do Ceará, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2687-1894>

**Millena Raianny Xavier da Silva.**

E-mail: [millenaraiannyxavier@gmail.com](mailto:millenaraiannyxavier@gmail.com) Especialista em Psicologia Aplicada a Educação – Universidade Regional do Cariri (URCA). Servidora Pública no cargo de Orientadora Educacional: Psicóloga do Município do Crato, Ceará, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5163-1844>

**Lorrana Caliope Castelo Branco Mourão**

E-mail: [locbom@gmail.com](mailto:locbom@gmail.com) Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Vrije Universiteit Brussel (VUB). Centro Universitário Unichristus, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2892-5550>